

# A Quaresma e a Semana Santa em Braga<sup>\*</sup>

RUI FERREIRA<sup>\*\*</sup>

## Resumo

As solenidades da Semana Santa de Braga afirmam-se hodiernamente como um momento determinante da vida coletiva bracarense. É um facto que a memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo já seria anualmente replicada, de formas mais ou menos clarividentes, desde que o Cristianismo se enraizou na cidade. As suas manifestações mais relevantes são as procissões, recriações do cerimonial público cristão, que se revelam como momentos cruciais. No entanto, subsistem outros cerimoniais relevantes, mormente aqueles que se integram no chamado rito bracarense ou as práticas associadas à celebração pascal. Com um percurso temporal que justifica uma abordagem dedicada, estes cerimoniais revelam uma essência que ultrapassa claramente os limites da crença e se situa hoje num âmbito cultural evidente. No entanto, a afirmação como principal produto turístico, ou seja, gerador de um impacto económico assinalável, é conquista recente e observou um percurso iniciado em 1933. Apesar de se tratar de um conjunto de práticas e manifestações de âmbito religioso, os seus atores não se cingem a esse universo, mas abordam todos os setores da sociedade.

**Palavras-chave:** Semana Santa; Braga; procissões; Património.

---

<sup>\*</sup> Artigo integrado no âmbito do projeto de investigação “Os cerimoniais público(privados) e as Solenidades das Semana Santa em Braga”.

<sup>\*\*</sup> Doutorando em Estudos Culturais na Universidade do Minho (ruimgferreira@gmail.com).

**Abstract**

The solemnities of Holy Week in Braga are nowadays affirmed as a decisive moment of collective life in the city. It is a fact that the memory of the Passion, Death and Resurrection of Jesus Christ would already be annually replicated, in more or less clear-sighted ways, since Christianity took root in the city. Its most relevant manifestations are the processions, recreations of the Christian public ceremonial, which reveal themselves as crucial moments. However, other relevant ceremonies subsist, especially those that are part of the so-called *bracarian* rite or the practices associated with the paschal celebration. With a time course that justifies a dedicated approach, these ceremonials reveal an essence that clearly goes beyond the limits of belief and is today within a clear cultural scope. However, the affirmation as the main tourist product, that is, generating a remarkable economic impact, is a recent conquest and observed a course begun in 1933. Although it is a set of practices and manifestations of religious scope, its actors do not embrace this universe, but approach all sectors of society.

**Keywords:** Holy Week; Braga; processions; Patrimony.

**Introdução**

A Paixão de Cristo, entendida como o conjunto de relatos que a tradição cristã sublinha a respeito do momento crucial da existência terrena de Jesus Cristo, é uma temática indissociável da experiência comunitária do Cristianismo. Trata-se do clímax de toda a narrativa evangélica e momento que antecipa o acontecimento fundador da fé cristã. Por isso mesmo, todos os gestos, palavras e contextos que marcaram as últimas horas da vida de Cristo foram sendo exaltados na vivência espiritual dos cristãos e na própria estrutura doutrinal. Os relatos dispostos nos quatro Evangelhos são as mais imediatas referências na construção de um imaginário da Paixão de Cristo, contudo a tradição cristã, impelida particularmente a partir da conquista dos lugares sagrados pelos cristãos, acabou por fazer emergir novos referenciais narrativos ao percurso de Cristo desde o Pretório até ao Calvário, sobretudo procedentes do exercício da *Via Crucis* a partir do século XII.

O imaginário da Paixão de Cristo, aplicado ao cenário histórico bracarense, foi capaz de se expressar de formas tão sublimes e perenes como os casos do Bom Jesus do Monte ou da igreja de Santa Cruz, no âmbito material, ou os cerimoniais que compõem a Semana Santa de Braga, quando nos referimos às manifestações imateriais. Todos estes exemplos contêm uma origem individualizada, apartada no tempo e nas vontades, contudo são expressão de um ímpeto presente no ideário coletivo que versa sobre a mais dramática e emotiva narração da mundividência judaico-cristã.

As manifestações enquadradas com a Semana Santa de Braga revelam-se hodiernamente como fenómeno turístico, envolvendo a comunidade num ambiente e vivência muito particular, apelando às raízes cristãs que acompanharam a história da própria cidade. Surge hoje com um programa unificado e com uma comissão organizadora que tenta mobilizar as entidades civis e religiosas em torno de objetivos comuns, porém, no passado, estava integrada nas dinâmicas próprias do tecido organizacional das instituições religiosas da cidade. Esta coordenação entre instituições, haveria de instituir-se de forma oficial a partir de 1933, data da criação da primeira Comissão da Semana Santa. Foi, contudo, no século XXI, mais propriamente a partir de 2003 que uma nova dinâmica de comunicação e valorização começou a ser estruturada, nascendo nessa fase o desejo de ir mais longe na salvaguarda e valorização de um conjunto de práticas fundamentais para a identidade bracarense.

## 1. RENOVAR OS HORIZONTES DE CULTURA

A relação da Igreja com a Cultura foi um dos principais debates da terceira sessão do Concílio Vaticano II. De que forma poderia a Igreja quebrar ou limitar a linha imaginária que as sociedades deixaram adensar-se entre o que consideram ser de natureza religiosa e, por conseguinte, de âmbito privado, e aquilo que é efetivamente público? Esta barreira em alguns contextos tinha-se tornado impeditiva da presença e ação da Igreja Católica, fomentando o divórcio inaugurado na *era das luzes*.

As orientações conciliares foram sinónimo de uma nova atitude perante a sociedade, com efeitos aferíveis até aos nossos dias. O Conselho Pontifício para a Cultura, estrutura criada em 1982 precisamente com o objetivo de fomentar este diálogo, haveria de emanar um documento intitulado “Para uma Pastoral da Cultura” no qual se procura orientar a relação da Igreja com os setores da sociedade onde é mais evidente esta afinidade. No entender do citado manifesto, a cultura «é tão natural ao homem, que a sua natureza não tem nenhum aspecto que não se manifeste na sua cultura»<sup>1</sup>. Este entendimento alargado do conceito de cultura, obviamente que integra a dimensão religiosa, presente num incomensurável rol de ações promovidas pelo ser humano.

O Património Cultural, imóvel, móvel e imaterial, é um dos âmbitos mais óbvios onde a Igreja se cruza com as comunidades humanas. Na cidade de Braga, além da sua fisionomia, marcada pelas edificações monumentais que a Igreja foi legando ao longo das eras, também as práticas e manifestações comunitárias

---

<sup>1</sup> Conselho Pontifício da Cultura (1999), *Para uma Pastoral da Cultura*.

são dominadas por esta vinculação histórica. Neste aspeto, a Semana Santa é o mais visível traço intangível que perpassou para o quotidiano da comunidade bracarense.

Neste âmbito, entende-se que a religião «é também memória e tradição, e a piedade popular continua a ser uma das maiores expressões de uma inculturação da fé», pois nela se harmonizam «a fé e a liturgia, o sentimento e as artes, e se fortalece a consciência de sua própria identidade nas tradições locais»<sup>2</sup>. No mesmo documento se refere que, no âmbito do desenvolvimento do tempo livre e do turismo religioso, algumas iniciativas permitem «salvaguardar, restaurar e valorizar o património cultural religioso existente»<sup>3</sup>. A Semana Santa de Braga foi-se afirmando como um dos mais imediatos exemplos desta necessária vinculação entre a Fé e a Cultura.

## 2. OS PROTAGONISTAS

O percurso temporal das comunidades humanas, qualquer que seja o seu âmbito, fica marcado pela ação e dinâmica empreendidas pelos indivíduos que, com maior ou menor protagonismo, as incorporaram em determinado período. Sendo um facto que a ciência histórica, embora detenha os devidos referenciais na documentação existente, está imbuída de um teor profundamente especulativo, não deixa de oferecer os dados necessários relativamente aos principais momentos e protagonistas daquilo que denominamos de História.

A cidade de Braga foi, como sabemos, governada em termos temporais pelos Arcebispos entre 1112 e 1792. Esse facto conferiu particular protagonismo aos prelados que sucessivamente tiveram a missão de orientar a comunidade bracarense ao longo de um período decisivo da sua história. A este tipo de prelúdios sucede-se normalmente uma tese, na qual se justifica e sublinha a relevância da temática que queremos empreender. Inauguramos, pois, um caminho racional que tem como pretensão assumida relevar os nomes dos prelados cujo legado justifica especial menção. D. Frei Agostinho de Jesus, em cujo papel nos deteremos mais alongadamente foi, entre estes, o mais relevante mentor de ações integradas no imaginário da Paixão de Cristo.

Além de um rol considerável de arcebispos, procuramos encontrar protagonistas escondidos em manuscritos ou que, apesar de visíveis, não viam reconhecida a sua obra. A enigmática Egéria é a única mulher deste ilustre rol, onde se integram os desconhecidos Tomaz José de Carvalho, o pároco que introduz a Senhora na jumentinha, o padre Martinho Pereira, responsável pela propagação eficaz de uma devoção mariana em Portugal e seus domínios, ou

---

<sup>2</sup> *Ibidem.*

<sup>3</sup> *Ibidem.*

o escultor João Evangelista Vieira, autor da imagem do Senhor dos Passos cuja vida inspirou um romance. Dado que deliberadamente procuramos trazer cruzar o presente a partir do passado, não nos ficamos pelas remotas eras, mas conduzimos uma cronologia até ao presente.

### 3. O ANO SANTO DE 1933: MUDANÇA DE PARADIGMA

Foi efetivamente no ano de 1933 que o paradigma da Semana Santa de Braga começou a alterar-se. Nesse ano, o Papa Pio XI convocou um Jubileu extraordinário para comemorar os 1900 anos da morte de Cristo. Conhecido como Ano Santo da Redenção, este jubileu decorreria entre o Domingo de Ramos de 1933 e a Páscoa do ano seguinte. Acabado de assumir a missão de Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior pretendeu assinalar de forma impactante a abertura deste especial momento, que sucederia na Semana Santa desse ano.

O espírito de iniciativa do prelado haveria de conduzi-lo à criação da primeira Comissão da Semana Santa de Braga. No dia 25 de março desse ano realizar-se-ia a primeira reunião desta comissão, na qual foram estudadas “as providências necessárias para garantir a completa e perfeita execução do programa das solenidades”<sup>4</sup>. Este grupo era constituído pelos cônegos Novais e Sousa e Manuel de Aguiar Barreiros, o Arcipreste de Braga juntamente com os Párocos da Cidade, os mestres-de-cerimónias Padre Miranda Oliveira e Padre Gomes de Almeida, os mestres de música sacra Padre Domingos Correia e Padre Alberto Braz, os capelães de Santa Cruz e da Misericórdia, e ainda os diretores do Colégio dos Órfãos e da Oficina de S. José<sup>5</sup>. Tratou-se de um momento relevante no percurso histórico da Semana Santa de Braga.

Esta comissão, além de unificar a programação levada a efeito no âmbito da Semana Santa de Braga, propôs-se integrar uma nova procissão no programa das solenidades, que seria o resultado visível deste labor coletivo. A Procissão do Enterro do Senhor, prática que se popularizara em muitas localidades portuguesas e que curiosamente já se realizara na cidade de Braga - embora sem regularidade - nos séculos XVII e XVIII, seria organizada na noite de Sexta-feira Santa. Foi tão pródigo o seu arranque que rapidamente se tornou no cerimonial mais participado das solenidades.

Além da Procissão do Enterro do Senhor, no qual tomavam parte as entidades chamadas à comissão, foi editado e compilado, pela primeira vez, um único programa da Semana Santa, integrando-se as ações realizadas pelo Cabido na Sé Primaz, as procissões e outras práticas devocionais promovidas pelas Irmandades

---

<sup>4</sup> *Diário do Minho*, 25/03/1933, 1.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

des de Santa Cruz e da Misericórdia, bem como a Festa de Nossa Senhora das Dores nos Congregados, entre outras iniciativas. No ano seguinte a Procissão dos Passos deslocar-se-ia do quinto Domingo da Quaresma para o Domingo de Ramos, assim se mantendo até aos nossos dias. A formalização de uma Comissão da Semana Santa veio fomentar um trabalho coordenado que consolidou e inaugurou dinâmicas, além de possibilitar a afirmação e mediatização do evento.

Anos mais tarde, o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo haveria de olhar para a Semana Santa de Braga como um momento fulcral para a estratégia turística da cidade, onde há várias décadas prontificava apenas as Festas de São João. Os cartazes de 1950 e 1965 foram idealizados por esta estrutura estatal e em 1960 a Procissão da Senhora das Angústias passaria a integrar o programa na noite de sábado Santo, na sequência de uma série de reuniões mantidas com a edilidade.

Não se pense, no entanto, que a mobilização de pessoas promovida no âmbito da Semana Santa de Braga tem o seu advento apenas quando se começou a pensar este conjunto de ações em termos turísticos. Bem antes de 1933 já as principais procissões que hoje integram o programa da Semana Santa apresentavam uma crescente capacidade de atração de “forasteiros”.

Recordemos a sexta-feira Santa de 1803 quando, por ocasião da representação do auto do Descimento da Cruz, que episodicamente era organizado pela Irmandade de Santa Cruz, se juntou uma imensa multidão na atual Avenida Central. Segundo um testemunho coevo, «comcorreo aqui muita gente de fora de longe, e famílias nobres, e se emcheo todo o dito Campo e janellas de gente», julgando-se «serem mais de quarenta mil pessoas»<sup>6</sup>. Segundo o mesmo testemunho, chegaram a ser requisitados «soldados de Vianna para sentinelas».

Também a Procissão dos Passos, que não se realizava ainda enquadrada com a Semana Santa, mas no antigo domingo da Paixão, arrastava «milhares de pessoas» vindas «das aldeias circunvizinhas, e do Porto»<sup>7</sup>. Segundo um periódico da época, trata-se mesmo do «mais apparatuso e sentimental que aqui se faz»<sup>8</sup>. Esta popularidade devia-se também ao desfile de penitentes e disciplinantes que, até 1876, costumavam acompanhar aos milhares esta procissão. O grotesco espetáculo de sangue e sofrimento sobrepunha-se, muitas vezes, à dimensão sagrada que era sublinhada nos cerimoniais organizados na cidade de Braga.

---

<sup>6</sup> A. M. Macedo (edit.), *Memórias e diário íntimo de um fidalgo bracarense 1787-1810*, (Braga: ADB/UM, 2013), 187.

<sup>7</sup> *Commercio do Minho*, 04-04-1876, 2.

<sup>8</sup> “Procissão dos Passos” In: *Commercio do Minho*, 17-03-1875, 2.

Também a Procissão do Senhor *Ecce Homo* detinha um peculiar aliciante, que a tornou alvo de deslocções de pessoas, particularmente na primeira metade do século XIX. A ronda dos “fogaréus”, hoje denominados de farricocos, criava um ambiente de devassa pública, com acusações e incriminações dirigidas às pessoas que assistiam, responsável por uma especial mobilização.

#### 4. OS CERIMONIAIS PÚBLICOS

A Semana Santa de Braga funda a sua imagem hodierna num conjunto de tradições constantes particularmente nos últimos três séculos. As suas representações mais relevantes são efetivamente as procissões, autênticas recriações do cerimonial público cristão, com uma capacidade mobilizadora assinalável e cuja essência ultrapassa claramente os limites da crença devocional e se situa hoje num patamar turístico-cultural evidente. Em Braga, durante a Semana Santa, são quatro as procissões mais significativas. Integra ainda algumas dimensões relacionadas com o cerimonial específico da Sé de Braga e com algumas práticas devocionais cuja vitalidade se mantém.

##### 4. 1. Procissão do Senhor dos Passos



Imagem 1 - Foto da Procissão do Senhor dos Passos a atravessar a rua D. Paio Mendes no ano de 1918 (Arquivo Aliança, CMB, n.º 525)

A procissão dos Passos, organizada anualmente no Domingo de Ramos pela Irmandade de Santa Cruz, é a primeira grande iniciativa da Semana Santa de Braga. A instituição organizadora, realiza esta procissão desde o ano de 1773, altura em que a confraria então existente se fundiu com a Irmandade dos Passos do Senhor, anteriormente sediada na demolida capela de Santana (1769), e que já teria a incumbência de realizar esta procissão. Esta corporação havia sido fundada em 1597 na igreja do Pópulo, numa das capelas laterais. Isso mesmo está exposto no *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso: "...a Capela do Senhor com a Cruz às costas, que he, e tem a Irmandade dos Passos do Senhor, que na Terceira Dominga da Quaresma costuma fazer nesta Cidade a Procissão dos Passos"<sup>9</sup>. A procissão realizou-se, portanto, a partir do templo dos agostinianos até 1735, altura em que se deu a mudança para a Capela de Santana. Um outro dado que se ressalta é o facto de o préstito decorrer no terceiro domingo da Quaresma. As primeiras notícias a respeito da procissão do Senhor dos Passos no Arquivo da Irmandade de Santa Cruz aparecem precisamente em 1773 e despesas só se contam a partir de 1774<sup>10</sup>.

O objetivo desta procissão é reconstituir o caminho (os passos) de Jesus Cristo desde o Pretório até ao Calvário. Por isso mesmo, ainda hoje, a procissão cumpre o itinerário dos Passos (calvários) espalhados no centro histórico.

A preparação para a procissão ocorre na véspera do Domingo de Ramos quando a imagem do Senhor dos Passos é conduzida desde a igreja de Santa Cruz até à igreja de S. Paulo. No Domingo de Ramos, durante a tarde, partindo da igreja do Colégio a procissão inicia-se percorrendo as ruas da cidade com inúmeros figurantes. Num passado não muito distante, a procissão era antecedida por grupos de farricocos, vestidos de túnicas roxas. Eram os penitentes anónimos que executavam as "penas" atribuídas pelo confessor. Em memória destas figuras, abre a procissão um farricoco, carregando simbolicamente um trompete.

Antero de Figueiredo, na sua obra "O Último Olhar de Jesus", destaca a forma como este préstito decorria, particularmente os altos guiões que abrem o cortejo. Nesta obra são descritas muitas das tradições religiosas bracarenses, entre elas a Procissão dos Passos: «A procissão dessa tarde levava na frente

---

<sup>9</sup> *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*: referência à Procissão do Senhor dos Passos no "Dicionário Geográfico" do Padre Luís Cardoso (1747-1751).

<sup>10</sup> Cf. *Livro dos Estatutos da Irmandade de Santa Cruz, 1773, n.º 96*: primeira referência à Procissão dos Passos após a fusão com a Confraria dos Passos do Senhor (Arquivo da Irmandade de Santa Cruz).



alto guião, de grande varejo, arvorado por farricocos descalços, vestidos de túnicas roxas cingidas às cintas com cordas de esparto, de que também era feita a coroa das cabeças cobertas com capuzes penitenciários, em que os dois buracos, no sítio dos olhos, semelhavam enormes órbitas de pavorosas caveiras. Logo, a máquina do “ruge-ruge” taramelava a sua impertinente cega-rega.(...) O estandarte, pesadíssimo, era empunhado por farricocos escolhidos entre valentes que, como os do guião dianteiro, tinham de fazer com ele o difícil arranco da «enfiada» sob os arcos do Postigo da Porta de São João do Souto. Aos lados, longas e silenciosas filas de irmãos de Santa Cruz, com as suas opas violáceas; e, pelo meio da rua, penitentes vestidos de alvas (...) Debaixo do andor do Senhor dos Passos, mulheres penitentes, de joelhos; ao lado do pátio caminhavam irmãos com pesadas lanternas de prata. Nas torres os sinos dobravam plangentes, de onde a onde...»<sup>11</sup>.

O ponto alto ocorre quando o préstito atinge o largo Carlos Amarante, defronte da igreja de Santa Cruz, onde é pronunciado o sermão do Encontro. Após este momento, a procissão prossegue a sua marcha, agora com o andor de Nossa Senhora da Soledade incorporado. Nos finais do século XIX, contudo, este momento não é citado, ocorrendo sim dois sermões: o Sermão do Pretório e o Sermão do Calvário, o primeiro realizado na igreja do Colégio, ao iniciar-se a procissão, e o último ao recolher, na igreja de Santa Cruz. Realizava-se, então, no quinto Domingo da Quaresma.

Num passado não muito distante, a procissão era antecedida por grupos de farricocos, vestidos de túnicas roxas. Em memória destas figuras, abre a procissão um farricoco, carregando simbolicamente um trompete.

#### **4. 2. Procissão da Senhora da Burrinha**

A Procissão da Senhora da Burrinha, presentemente designada como cortejo bíblico “Vós sereis o meu povo”, tem um historial bastante mais longo que o que lhe é habitualmente atribuído. A sua origem está intimamente relacionada com as práticas devocionais promovidas pela Irmandade de Nossa Senhora das Angústias sediada desde 1748 na Igreja de S. Victor, ainda que inicialmente devotada a S. Tiago. Nos seus estatutos estava prevista a realização de uma procissão anual em honra de Nossa Senhora das Angústias, que deveria ter lugar “na Primeira Dominga de Julho”.

Esta procissão haveria de almejar uma peculiar popularidade no decorrer do século XIX, momento em que a Procissão da Senhora das Angústias

---

<sup>11</sup> Antero de Figueiredo, *O Último Olhar de Jesus*, (Lisboa: Bertrand, 1928), 7.ª edição, 42-44.

integrava, além do andor da padroeira, uma outra imagem “montada n’uma jumentinha”<sup>12</sup>. Esta imagem, da mesma feitura e tamanho, foi oferecida pelo Reverendo Tomaz José de Carvalho, pároco de S. Victor entre 1818 e 1828, e representava Nossa Senhora do Egipto<sup>13</sup>. Esta imagem, devidamente articulada para uso processional, estava trajada de forma similar à imagem de Nossa Senhora das Angústias e envergava ainda um chapéu, adereço preferencial do ofício dos sombreiros que passaram a integrar a Irmandade. O povo, afeiçoando-se a este quadro, acabou por progressivamente designar este préstito como “Procissão da Senhora da Burrinha”. Evocando o momento da Fugida para o Egipto, vinculava-se à segunda dor de Nossa Senhora, numa procissão que procurava evocar o imaginário das Sete Dores de Maria.

A partir de 1910 o cenário não seria favorável. A implantação da República acabou por burocratizar a realização de atos públicos religiosos e este facto terá sido dissuasor da realização desta e de outras procissões. Após esta data, a procissão regista escassas ocorrências, as duas últimas em 1923 e em 1946, continuando a realizar-se em Julho. Em ambas as ocasiões se mobilizou a comunidade paroquial em peditórios, tendo inclusive sido criada uma Comissão Organizadora. Em 1946 quem assumiu essa tarefa foi o paroquiano António Maria Santos da Cunha, que haveria de tornar-se no responsável pela sua introdução no programa da Semana Santa, o que aconteceu pela primeira vez em 1960. Realizando-se no Sábado Santo, de forma a complementar a programação oferecida aos turistas durante a Semana Santa, decorreu ininterruptamente até 1973.

Sempre invocada na memória dos bracarenses, acabou por se enraizar o desejo de reativar esta procissão novamente enquadrada nas Solenidades da Semana Santa. A paróquia de S. Victor, juntamente com a Junta de Freguesia, retomou a procissão em 1998. Dada a impossibilidade de se realizar no Sábado Santo, foi escolhida a noite de Quarta-Feira Santa. Deixando de lado o ideário devocional de Nossa Senhora das Dores, foi deliberado desenvolver esta iniciativa em torno da narrativa da história da Salvação, desde Abraão até Jesus Cristo. Um dos últimos quadros repete a tradicional Fugida para o Egipto, com a representação de Nossa Senhora do Egipto em cima do jumentinho. A adesão significativa dos bracarenses a este cerimonial acabou por garantir a sua continuidade.

---

12 Cf. Biblioteca Pública de Braga, *Commercio do Minho*, 26 de Junho de 1877, 2.

13 Por consulta dos registos de baptismo da Paróquia de S. Victor, disponíveis on-line no site do Arquivo Distrital de Braga (<http://www.adb.uminho.pt/>).

#### 4. 3. Procissão do Senhor *Ecce Homo*



**Imagem 2 - Estandartes e lanternas desfilam ao longo da procissão do Senhor *Ecce Homo* [CQSSSB/WAPA 2012]**

Uma das manifestações mais significativas que compõem o programa das Solenidades da Semana Santa de Braga é a procissão do Senhor “*Ecce Homo*”, popularmente conhecida como a procissão do Senhor da Cana Verde ou dos Fogaréus. Saindo às ruas na noite de Quinta-feira Santa, recorda o julgamento de Cristo quando Pilatos, dirigindo-se à multidão, proclamou: “Eis o Homem”, que em latim se pronuncia “*Ecce Homo*”, daí o nome dado à imagem que é transportada solenemente neste préstito.

A origem e fundamento desta procissão deriva das práticas devocionais introduzidas no nosso país pelas Misericórdias. Na Quinta-Feira Santa, dia da “desobriga”, Tratava-se, portanto, de um préstito de penitentes que percorria as ruas em orações e lamentos na noite de Quinta-Feira Santa. Disciplinando-se, carregando troncos ou pesados ferros, arrastando os joelhos pelo pavimento ou simplesmente acompanhando em oração, os penitentes compunham o corpo do préstito, preenchido pelos Irmãos encapuçados que auxiliavam as dores e fragilidades daqueles que sucumbiam ao peso das suas penas com água, doces ou tratando das feridas no final da procissão.

O imaginário ainda hoje é marcado pelo negrume das trevas, numa espécie de apelo ao arrependimento pelos males praticados ou cogitados. No preciso dia em que é recordado o julgamento de Cristo às mãos de homens ímpios, os cristãos são chamados a colocar-se diante do justo Juiz e a pedirem também a sua pena. Os farricocos (ou fogaréus), ainda hoje integrados na procissão, são a personificação dos penitentes que ao longo dos séculos integraram esta manifestação.

Esta procissão tem uma origem bem recuada. Será provavelmente a mais antiga das procissões que, por esta época, se realizam na cidade de Braga. A sua integração nas práticas religiosas está certamente associada à fundação das Misericórdias em Portugal. Em Braga sabemos que no século XVII já a Misericórdia organizava esta procissão como no-lo o Compromisso da Misericórdia de Braga datado de 1628.

#### 4. 4. Procissão do Enterro do Senhor

A Sexta-Feira Santa, celebração móvel em que os cristãos recordam a paixão e morte de Jesus Cristo, constitui-se como dia de maior relevo para as solenidades da Semana Santa de Braga. Isso mesmo aparece devidamente exposto na documentação disponível, particularmente nas deliberações da Irmandade de Santa Cruz, responsável primeira pela Procissão do Enterro, mas ainda em curiosas partilhas deixadas por memorialistas bracarenses como Inácio José Peixoto, João Luís Jácome e também pelo anónimo autor do célebre manuscrito “Livro Curioso”.

Sobre a Procissão do Enterro, presentemente organizada pelo Cabido da Sé, temos a informação que entre o século XVII, época em que se terá começado a organizar, e meados do século XIX era organizada exclusivamente pela Irmandade de Santa Cruz. A sua forma aparece citada no “Dicionário Geográfico” do Padre Luís Cardoso, compêndio datado de 1758<sup>14</sup>. Segundo esta fonte, a procissão decorria “de noite, com Sermão no fim, em que se mostra o Santo Sudario”, acrescentando que “neste Reino se não faz outra com mais devoção, nem com tanto aceio”. Este facto é sublinhado também pelo autor do *Livro Curioso*, que menciona que a procissão do Enterro de 1770 se realizara “com todo o asseio como he costume”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Referência à Procissão do Enterro do Senhor no Dicionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas (1747-1751).

<sup>15</sup> Livro Curioso, Ms. 341: testemunho da realização do Descimento da Cruz e Procissão do Enterro no ano de 1770 (Arquivo Distrital de Braga - Coleção ou Fundo dos Manuscritos).

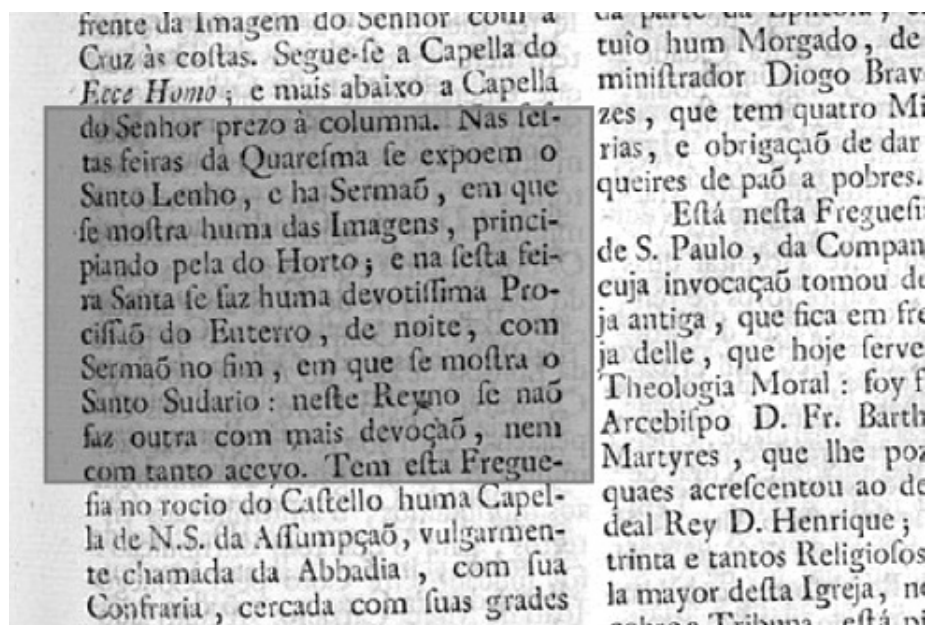


Imagem 3 - Referência à Procissão do Enterro do Senhor no Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso, no parágrafo descritivo da Igreja de Santa Cruz de Braga.

Um outro apontamento, desta feita de João Luís Jácome, indica-nos o percurso da procissão no ano de 1803. Partindo de Santa Cruz em direcção ao Campo de Santana, tomou o “Campo da Vinha, e se abrigou nas Igrejas do Salvador, e Popello, e veio pella rua nova asima, rua de S. Marcos, e recolherce a Santa Crus”. Neste ano, a procissão foi obrigada a recolher-se em dois templos da cidade devido à chuva, que também importunou as celebrações relativas ao ano de 1770<sup>16</sup>.

Demais informações a respeito deste préstito, o mais solene e lúgubre da Semana Santa bracarense, podemos encontrá-las no Arquivo da Irmandade de Santa Cruz, particularmente descritas no Livro de Estatutos de 1762<sup>17</sup>. A procissão do Enterro deveria conduzir uma urna com a imagem de Cristo morto, juntamente com a imagem de Nossa Senhora da Soledade transportada num andor. O restante figurado seria composto pelos estandartes da corporação,

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> Livro dos Estatutos da Irmandade de Santa Cruz de 1762: referência à Procissão do Enterro do Senhor (Arquivo da Irmandade de Santa Cruz).

juntamente com os figurantes representando São João Evangelista, Maria Madalena, o Centurião, soldados romanos, anjos e profetas, os mesmos que se integravam na representação do Descimento da Cruz.

A propósito da vivência quaresmal dos irmãos de Santa Cruz, o *Dicionário Geográfico* refere, com particular ênfase, a celebração comunitária realizada em todas as sextas-feiras da Quaresma. Diz-nos o descritivo que “nas sextas feiras da Quaresma se expoem (na igreja de Santa Cruz) o Santo Lenho, e há Sermão, em que se mostra huma das Imagens, principiando pela do Horto”. Associando este dado à organização interna do templo da Irmandade de Santa Cruz – representações retabulares da figura de Cristo nos sucessivos episódios da sua Paixão, num crescendo dramático desde a oração no Getsémani até à morte na Cruz – percebemos a importância da vivência quaresmal na missão desta Irmandade bracarense.

Sabemos que no terceiro quartel do século XIX não existem registos da realização desta procissão. Retomada a tradição já em pleno século XX, por ocasião do Ano Santo da Redenção de 1933, não mais deixou de se fazer, passando a ser organização conjunta do Cabido e Irmandades de Santa Cruz e Misericórdia.

#### **4. 5. Outros cerimoniais**

##### **4. 5. 1. Lausperene Quaresmal**

A iniciativa da instituição do Lausperene Quaresmal em Braga partiu do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, de cuja energia e dinamismo a cidade favoreceu entre 1704 e 1728. Este prelado, quando em 1710 fez o relatório para a sua primeira visita Ad Limina, pediu ao Papa Clemente XI a instituição do Lausperene Quaresmal nas igrejas da cidade de Braga. O objetivo era que o Santíssimo Sacramento se encontrasse em exposição pública ao longo de quarenta e oito horas, de dia e de noite, em cada um dos principais templos da cidade. Este formato implicaria que as comunidades sediadas em cada templo se mobilizassem de forma a que houvesse uma presença contínua de fiéis durante o período de exposição da partícula eucarística.

Infelizmente não nos é possível reproduzir o texto da bula pontifícia que solenemente validou esta prática devocional, dado não integrar o Bulário Bracarense existente no Arquivo Distrital de Braga, onde se reúne uma vasta coleção de diplomas exarados pela cúria papal entre os séculos XI e XIX. Nesse documento porventura estariam plasmados as principais motivações que originaram esta iniciativa arcebispal, bem como a justificação para a sua aceitação junto da Santa Sé. O que sabemos do seu conteúdo é que o Lausperene bracarense deveria conter as mesmas indulgências que haviam sido concedidas escassos anos antes às igrejas de Lisboa, mais precisamente no ano de 1681.

No Bulário Bracarense encontra-se sim um outro diploma assinado pelo Papa Bento XIV a 19 de setembro de 1752, no qual são concedidas “indulgências plenárias aos fiéis que, durante o tempo da Quaresma, visitem os Lausperenes, nas igrejas da cidade de Braga” (Araújo, 1986: 213). Esta deliberação, num tempo em que as indulgências despertavam intensas reações nos fiéis cristãos, não apenas fortalece a ideia de que o Lausperene seria já uma prática enraizada nos ritmos quaresmais bracarenses, mas também um indício de consolidação da sua vitalidade, dado que a concessão de indulgência acabava por ter reflexos práticos na concorrência de fiéis aos templos.

Devido ao memorialista Manoel Silva Thadim conseguimos ainda aferir como decorreu o ato inaugural desta prática na cidade de Braga no ano de 1710: «Nesta Quaresma de 1710, por Breve Pontifício, que o Arcebispo mandou vir foi a primeira vez que houveram Lausperenes nesta Cidade. Nas festas que se fizeram ao Augusto Sacramento do Senhor da Sé houveram Touros, que vieram de Coimbra, e o Toureador veyo de Lisboa. Foram Juizes da Confraria o Rev.º Manoel Falcam, Mestre Escola, e Antonio Jose de Almada.»

A imponência verificada nos festejos é seguramente um reflexo do empenho pessoal do Arcebispo na instituição desta prática devocional. A vitalidade do Lausperene bracarense, ainda hoje verificada, deve-se certamente a um impulso inicial vigoroso.

Questionando-nos a respeito das motivações que conduziram o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles a instituir esta prática de culto eucarístico, poderemos conjecturar se estas não se poderão relacionar com a análise que o prelado terá efetuado aos hábitos devocionais ao Sacramento da Eucaristia existentes então na cidade. Sabemos que, além de um sentido prático muito apurado, D. Rodrigo de Moura Telles era um homem de rotinas espirituais assinaláveis, pelo que a sua sensibilidade para o fomento de atos devocionais era significativa.

A sua iniciativa não será certamente alheia, em primeiro lugar, ao contexto eclesial experimentado no seu tempo. Não tinham passado muitas décadas sobre a condenação do jansenismo, ocorrida a 16 de outubro de 1656. A doutrina propagada pelo Bispo de Ypres, Cornelius Jansenius, detinha algumas preposições a respeito da Eucaristia, entendidas como inibidoras da comunhão frequente e que fomentavam uma distância inexorável entre os fiéis e o sacramento. Como forma de desagrar as consequências provocadas por estes princípios doutrinadores, a Igreja Católica acabou por fomentar iniciativas de culto eucarístico.

Em segundo lugar, convém recordar que D. Rodrigo de Moura Telles se encontrava na cidade de Lisboa como Deputado da Mesa Censória no ano em que se iniciou naquela cidade o jubileu do Lausperene, facto que poderá ter influenciado a sua ação posterior na cidade de Braga.

A palavra “Lausperene” provém do vocábulo latino “*laus perennis*”, que significa “louvor perene”, estando associada às práticas de adoração permanente

da Eucaristia realizadas no âmbito das manifestações devocionais da Igreja Católica, particularmente a partir do século XVII. No entanto este termo tornou-se usual em comunidades cenobíticas cristãs entre os séculos V e IX, descrevendo o hábito dos monges, divididos pelos diferentes períodos do dia, praticarem delongados momentos de oração ininterruptos, que incluíam essencialmente a recitação de salmos (Benedetto & Duke, 2008).

#### 4. 5. 2. Rito Bracarense

Detendo Braga uma particular tradição ritual, cuja vitalidade variou ao longo das eras, a Semana Santa afirma-se como momento primordial de afirmação desta emblemática manifestação ritual. A vivência de um rito litúrgico com peculiaridades diferenciadoras dos demais nos domínios eclesiais bracarense é hoje uma realidade inegável, mesmo que não exista uma uniformidade nas abordagens históricas empreendidas.

As versões sucessivamente revistas e atualizadas e que recuam, pelo menos, ao século VI, adequavam-se ao maior grau de empenho dos sucessivos pastores da Igreja bracarense. A bipolaridade dos ritos foi-se verificando ao longo da história, ora predominando o rito romano, ora prevalecendo o ritual citado como bracarense. O Breviário Bracarense foi alvo de sucessivas revisões e atualizações, tendo a última sido efetuada durante a prelazia de D. Manuel Vieira de Matos em 1924.

Podemos dizer que os dois momentos mais marcantes da história da Igreja Católica no último milénio acabaram por garantir a sobrevivência deste rito que, mais do que portador de manifestações gizadas exclusivamente nesta comunidade eclesial, são um repositório de cerimoniais deixados por outros conjuntos litúrgicos e por prelados provenientes de outras pátrias ou tradições religiosas. O Concílio de Trento tornou obrigatório o rito romano, mas salvaguardou as dioceses e ordens religiosas com tradições próprias de mais de dois séculos, como era o caso do rito bracarense. O Concílio Vaticano II, após a aprovação da constituição *Sacrosanctum Concilium* que propôs uma revolucionária renovação litúrgica, prevê a conservação e incremento dos ritos legitimamente reconhecidos. Apesar disso, os sacerdotes da Arquidiocese, detendo liberdade para optarem pelo rito que sentissem mais conveniente, acabaram por maioritariamente escolher o renovado rito romano, condenando o secular rito bracarense a um apagamento quase completo. Recorde-se que o rito bracarense permanece inteiramente válido, apesar de não ter sido incluído pela reforma litúrgica subsequente ao Vaticano II. No entanto, o seu uso tornou-se facultativo a partir de 1971.

Um dos tempos litúrgicos que sobressai com maior originalidade na Igreja bracarense é certamente a Semana Santa, durante a qual se verificam inúmeros momentos celebrativos associados a este secular rito litúrgico. As celebrações



do Domingo de Ramos em Braga ficam marcadas pela realização de alguns aspetos cerimoniais inscritos no denominado Rito Bracarense, que designa esta solenidade como “Dominga de Ramos”. O mais “vistoso” entre os momentos cerimoniais refere-se às três pancadas da cruz na porta principal da Sé, ritual que se repete igualmente por três vezes, após a recitação de orações inscritas no missal próprio da arquidiocese bracarense.

A Procissão Teofórica do Enterro é um cerimonial integrado na celebração que memora a morte de Cristo, que se realiza na tarde da Sexta-Feira Santa na Sé de Braga. Nesta impressionante procissão, o Santíssimo Sacramento, encerrado num esquite coberto de um manto preto, é levado pelas naves da Catedral — daí o nome de procissão teofórica (que transporta Deus) — sendo posteriormente deposto numa capela lateral onde é exposto à veneração. Este cerimonial, que se insere numa tradição medieval associada aos chamados ritos da *depositio*, terá sido introduzido na Sé de Braga no século XVI, dado que apenas é referenciado na versão do Rito Bracarense de 1558.

Já fora do âmbito da Semana Santa, mas ainda enquadrada no tempo pascal, surge uma festa devota a Nossa Senhora da Alegria ou dos Prazeres, assinalada na segunda-feira de Pascoela, dia com enorme tradição celebrativa no entorno geográfico de Braga. Esta festa sublinha o caráter mariano atribuído ao rito e recorda uma celebração que no século XVI também era assinalada pelas Igrejas de Lisboa e de Évora.

#### 4. 5. 3. Visita às Igrejas

A visita às sete igrejas é uma tradição ancestral associada à vivência da Quinta-Feira Santa na cidade de Braga. Esta prática devocional está associada à realização da Procissão das Endoenças na cidade de Braga, embora se realizasse independentemente desta.

Como se referia no Compromisso da Misericórdia de Braga de 1628, na Quinta-Feira de Endoenças “se costuma a Irmandade da Misericórdia ajuntar para ir visitar em procissão algumas igrejas e sepulcros em que estão o Santíssimo Sacramento e com esta demonstração exterior, espertar o povo cristão ao devido sentimento da paixão de Cristo Redentor”. Ainda hoje, em muitas localidades onde se realiza esta Procissão, se continua a fazer a visita às igrejas e capelas onde o Santíssimo Sacramento se expõe, razão pela qual o préstito é também apelidado de “Visitação às Igrejas”.

A adoração ao Santíssimo Sacramento seria o elemento diferenciador destes sete templos relativamente aos demais existentes na cidade. Segundo foi possível apurar esta forma manteve-se inalterada até à segunda metade do século XX. A visita às igrejas, que por vezes eram em número superior a sete, correspondia a um período de adoração eucarística permanente ao longo da Quinta-Feira

Santa. A atribuição de particulares indulgências aos fiéis que percorressem as igrejas acabou por fomentar esta prática devocional, alargando inclusive o seu âmbito de realização.

O facto de se tratarem por tradição de sete templos poderá encontrar uma explicação plausível para lá do simbolismo do número. O imaginário que preside a esta prática devocional de Quinta-Feira Santa estará certamente relacionada com as sete igrejas de peregrinação da cidade de Roma, que os fiéis devem visitar sempre que é proclamado Ano Santo.

As sete igrejas são “marcadas” com uma cruz da paixão junto da sua porta de entrada. Durante a tarde de Quinta-Feira Santa, os fiéis são convidados a visitarem sete igrejas da cidade de Braga: Sé Primaz; Misericórdia; Santa Cruz; Terceiros; Salvador; Penha; Conceição.

#### 4. 5. 4. Celebração de Nossa Senhora das Dores dos Congregados

A solenidade de Nossa Senhora das Dores da Basílica dos Congregados decorre na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos e no Sábado Santo, durante a Vigília Pascal. Apesar do seu dia litúrgico ter sido fixado no calendário da Igreja Católica a 15 de Setembro, o seu culto foi estabelecido inicialmente na Sexta-Feira da Paixão (Semana V da Quaresma) e assim se manteve neste templo da cidade de Braga.

A Festa de Nossa Senhora das Dores coincide propositadamente com a passagem do Lausperene Quaresmal pelo templo dos Congregados. Na sexta-feira o Lausperene é encerrado com uma missa solene, acompanhada de eloquente sermão e grande instrumental. A imagem de Nossa Senhora das Dores surge devidamente enquadrada entre velas e flores. Para esta ocasião, veste-se a indumentária solene à imagem de roca, que assim se mantém duas semanas.

O segundo ato desta solenidade decorre na noite do Sábado Santo, mais propriamente no final da celebração da Vigília Pascal na Basílica dos Congregados. A imagem retirada do seu retábulo e colocada na capela-mor em cima de um pedestal. Durante a celebração o presidente, evocando a alegria de Maria perante a ressurreição, recorda os sete momentos da sua vida que lhe rasgaram a alma. No final da celebração vai retirando, uma a uma, as espadas suspensas na imagem de Nossa Senhora. A cerimónia finda com a coroação da imagem, retirando-se o resplendor e colocando-se uma coroa real. Este cerimonial, hoje exclusivo deste templo, aqui teve a sua origem e daqui se propagou para outros lugares.

Recorde-se que o culto a Nossa Senhora das Dores detém na cidade de Braga uma importante tradição, já que foi partindo do convento dos padres oratorianos que esta devoção se propagou para muitas terras portuguesas.

## 5. UMA PROGRAMAÇÃO SUPLEMENTAR

Se os principais cerimoniais eminentemente religiosos detinham, por via do seu enraizamento comunitário, uma vitalidade assinalável, foi sendo criado o imperativo de oferecer um programa complementar de âmbito cultural. Logo no ano de arranque da Comissão da Semana Santa, em 1933, às cerimónias religiosas acresceria um “sarau de arte” executado pelo Orfeão Lusitano, sob direção artística de Afonso Valentim, traria ao palco do Theatro Circo na noite de Sábado Santo a peça “La agonia del Redentore”. Além disso, um concurso das capelas dos Passos tentaria mobilizar os habitantes de Braga para a ornamentação e ações de culto junto a cada um dos sete altares existentes no casco urbano. Nas décadas seguintes esta programação suplementar seria incrementada. Conferências, exposições, concertos, concursos e encenações obteriam um lugar na programação anunciada.

Os concertos ainda hoje ocupam um lugar fundamental na programação. O Theatro Circo chegou a ser palco para alguns deles, mas também a Igreja do Seminário e o Salão Medieval chegaram a deter espaço na programação. Inesquecível foi o concerto de música sacra preparado afincadamente pelo Padre Manuel Faria em 1949, no entanto até os monges de Singeverga chegaram a atuar no âmbito das solenidades bracarense em 1947. A Sé Primaz é o palco inevitável de alguns dos concertos anualmente apresentados, secundado pelos templos das Irmandades de Santa Cruz e Misericórdia e, ainda, S. Victor, que tem desenvolvido um significativo conjunto de ações culturais relacionadas com a Procissão da Burrinha.

O Salão Recreativo Bracarense, depois Cinema São Geraldo, também chegou a ser palco de conferência e sessões de cinema com temática hagiográfica, como aquela de 1934 em que o Padre Magalhães Costa abordaria o Santo Sudário. Paulo Durão, José Pereira Borges, José de Almeida Correia, D. António Coelho e até Vitorino Nemésio orientaram algumas das conferências que costumavam suceder na segunda ou terça-feira santa.

No âmbito eminentemente cultural também o cinema foi ocupando espaço. Em 1952 o Theatro Circo acolheria o filme “A vida de Santa Margarida de Cortona” e em 1955 “A Paixão segundo S. Mateus”. Foram, no entanto, as exposições um dos âmbitos que crescentemente almejou dimensão, sendo hoje um dos aspetos mais sublinhados da programação paralela às procissões. Artes plásticas, mostras histórico-documentais, fotografia ou arte sacra são as versões mais recorrentes.

A popularização dos atos que compõem o programa das solenidades da Semana Santa é evidentemente dominado pelas procissões, os momentos mais esperados e que apresentam o mais significativo índice de atratividade. No entanto, os atos culturais – apesar de considerarmos que as procissões também

são ações de âmbito cultural – afirmam-se como um suplemento de enorme valia para uma vivência mais plena deste especial momento da comunidade bracarense.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Semana Santa é, indiscutivelmente, o momento de maior afirmação do calendário anual da cidade de Braga. Sendo um contexto de primordial relevo no âmbito do imaginário da Paixão de Cristo e das consequentes formas de expressar esse mesmo imaginário, hodiernamente procura-se justificar a relevância de dois momentos fundamentais da identidade bracarense: o Bom Jesus do Monte e a Semana Santa. Curiosamente ambos representam duas das formas mais intensas de plasmar o imaginário da Paixão de Cristo na comunidade humana. A dimensão material, que se expressa fundamentalmente no património monumental, e a dimensão imaterial ou intangível, detêm focos de expressividade muito significativos em Braga.

Dirigindo-se o nosso caminho aos cerimoniais públicos e público-privados que integram a Semana Santa de Braga e o seu entorno temporal, percebemos que estas manifestações, mormente as que são realizadas no âmbito religioso e devocional, se perpetuam no calendário anual da comunidade devido a fatores concretos que fundaram a sua continuidade. Ao abordarmos o percurso temporal das mais significativas procissões da Semana Santa de Braga, mas também dos cerimoniais de cariz litúrgico ou devocional, deparamo-nos com elementos que contribuíram expressivamente para a sua sedimentação nos hábitos e nas vontades.

Os elementos que fazem da Semana Santa de Braga o evento desta natureza mais relevante em território nacional, referem-se essencialmente ao contexto geral da cidade nesta época e às tradições que os bracarenses fazem questão de manter. A denominada “Procissão da Burrinha”, recuperada em 1998, e as celebrações litúrgicas que conservam o secular rito bracarense, são exemplares únicos destas solenidades, porém os grandes momentos são atingidos com as grandes procissões organizadas pelas Irmandades de Santa Cruz e da Misericórdia entre o Domingo de Ramos e a Sexta-Feira Santa.

**BIBLIOGRAFIA**

Capela, José Viriato; Ferreira, Ana Cunha, *Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: 2002.

Capela, José Viriato; Araújo, Maria Marta Lobo de, *A Misericórdia de Braga 1513-2013*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2013.

Cardoso, Luiz – *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1747-1751. [Cópia pública em <http://purl.pt/13938>].

Castro, Maria de Fátima, “Devoções ligadas à Misericórdia e Sé Primaz de Braga”. *Via Spiritus* 7 (2000), 163-201.

Coutinho, Jorge, “A Semana Santa de Braga e a Santa Casa da Misericórdia”. *Misericórdia de Braga* 7 (2011), 13-44.

Figueiredo, Antero de, *O Último Olhar de Jesus*. 7.a edição. Lisboa: Bertrand, 1928.

Freitas, Bernardim José de Sena, *Memórias de Braga*. Braga: Imprensa Catholica, 1890.

Macedo, Ana Maria (edit.), *Memórias e diário íntimo de um fidalgo bracarense 1787-1810*. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 2013.

Milheiro, Maria Manuela Campos, *Braga: a cidade e a festa no século XVIII*. Braga: Universidade do Minho, 2003.

Peixoto, Inácio José, *Memórias Particulares*. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 1992.

Thadim, Manoel José Silva, *Época dos Annaes e Memórias bracarenses*. Ed. Fac-simile.

Macedo, António da Silva, “Solenidades da Quaresma e da Semana Santa na Santa Casa da Misericórdia de Braga”. *Misericórdia de Braga* 4 (2008), 149-166.

Ferreira, Rui, “A devoção à Mater Dolorosa na cidade de Braga” in *Revista da Misericórdia*, n.º 12 (2016), 83-136.

Ferreira, Rui, “A Paixão de Cristo no Imaginário Bracarense” in *Revista da Misericórdia*, n.º 11 (2015), 229-270.

Ferreira, Rui et Machado, Manuela, “A Semana Santa de Braga nos Arquivos da Cidade” in *Fórum*, n.º 49/50 (2015), 123-148.

Ferreira, Rui, “O Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus e a Semana Santa em Braga” in *Revista Bracara Augusta*, vol. LX (2015), 391-448.

Ferreira, Rui, “As procissões e a Semana Santa de Braga nas memórias da Misericórdia” in *Memórias da Misericórdia de Braga*, volume I. Braga: Misericórdia, 2015, 52-61.

Costa, Luis (texto); Dias, Francisco de Almeida (fotografia); Saramago, António (coord.), *Braga: Solenidades da Semana Santa/ Holy Week Ceremonies*. Lisboa: Elo Editores, 2002.

Oliveira, Eduardo Pires, *Os Passos do Senhor na cidade de Braga*. Braga: Irmandade de Santa Cruz, 2016.

Ferreira, Rui (textos); Delgado, Hugo (fotos), “Farricocos e Fogaréus”, catálogo da exposição. Braga: Câmara Municipal, 2016.

Ferreira, Rui (textos), *Cartazes da Semana Santa de Braga [1945-2016]*. Braga: Comissão da Quaresma e Solenidades da Semana Santa de Braga | Biblioteca Pública de Braga, 2016.